

## **A Representação Da Cidade De Manaus Na Estética Fílmica Contemporânea: Uma Análise Da Cidade Como Narrativa, Espaço De Experiências Estéticas E Personagem.<sup>1</sup>**

Gabriel Bravo de Lima<sup>2</sup>  
Camila Leite de Araújo<sup>3</sup>

Universidade Federal do Amazonas

### **RESUMO**

Este projeto de pesquisa propõe-se a discutir a representação da cidade de Manaus no cinema contemporâneo e de como as experiências sensoriais vividas em Manaus influenciam na estética fílmica. Como recorte de pesquisa propõe-se a analisar dois filmes de diretores manauaras contemporâneos que tem como personagem a cidade de Manaus, entre esses escolhemos: “O Barco e o Rio” de Bernardo Ale Abinader e “Manaus Hot City” de Rafael Ramos. A partir da análise desses filmes objetiva-se investigar como as características estéticas desses filmes relacionam-se com questões relativas ao sensorial e ao corpo, implicando em uma narrativa em que a cidade de Manaus representa espaço narrativo essencial da vida dos personagens e nas sensações vivenciadas por eles. Acredita-se que essas produções desencadeiam um processo de autenticidade espacial e que existe um regime específico de imagem, em que se privilegiam aspectos sensoriais que interferem diretamente na construção narrativa. A relação entre cidade e cinema pode ser compreendida a partir das experiências corporais que conectam os personagens ao mundo. O calor, o vento, os cheiros, os reflexos do sol no rio, os sabores, os sons, as paisagens e as percepções abstratas e pessoais que a cidade produz afetam os corpos e a percepção destes. As imagens da cidade de Manaus no cinema retratam suas múltiplas faces, memórias, sensações e sentimentos. O cinema

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ04 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 2 a 4 de junho de 2022.

<sup>2</sup> Graduando do curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFAM, email: gabriel7bravo@gmail.com

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professora Doutora do curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFAM, email: camilaleite@ufam.edu.br

contemporâneo tem estabelecido um regime específico de imagem que privilegia narrativas calcadas na relação entre corpo e sensorialidade. O cinema é uma ferramenta que permite ampliar as sensações urbanas. Quando uma cidade se torna personagem de um filme entende-se que a imagem da cidade é resultado tanto da realidade quanto da imaginação. Os significados filmicos permitem a reprodução de valores sociais, culturais, políticos e econômicos. (PEREIRA, SCOTTO, 2017). Acredita-se que os filmes “O Barco e o Rio” de Bernardo Ale Abinader e “Manaus Hot City” de Rafael Ramos apresentam narrativas que lançam mão de uma experiência estética, mais próxima de atributos sensoriais. Com suas especificidades, cada filme enfatiza uma apreensão do plano e da cena, em que a relação corpo/sensorialidade é preponderante. A direção de fotografia desses filmes apresenta em seus planos a emergência de acontecimentos de caráter mais sensorial que serve como estratégia central de defesa de um regime de imagem, que desencadeia afetos e sensações. Desde a invenção do cinema, ainda pelas mãos dos irmãos Lumière as cidades se tornaram as grandes musas da imagem em movimento. Quer fosse um trem chegando a estação em Ciotat, quer fosse uma rua de Lyon se enchendo de operários que saiam da fábrica Lumière ao fim do expediente, parte do primeiro encantamento do cinema referia-se ao modo como ele representava a cidade e seu fluxo. A cidade no cinema infere uma dupla condição. A cidade influencia na obra, mas a obra audiovisual também a recria ao representá-la. Segundo Souza (2005), o imaginário cinematográfico remodela a vida da cidade. Os irmãos Lumière elaboraram um mecanismo que permitira gravar e projetar as imagens filmadas. As “vistas animadas” projetavam cenas comuns do fluxo da cidade, imagens que todos presentes no Grand Café pareciam estar acostumados a ver. O assombramento de ver imagens se animarem com vida marcou profundamente quem viu os pequenos filmes expostos coletivamente. Certa vez, Jean-Luc Godard disse que os irmãos Lumière foram os cineastas mais geniais que existiram. Eles instituíram uma possibilidade estética inovadora: posicionar suas câmeras à distância captando o movimento da vida na cidade, experiência única de ver e sentir o fluxo urbano a partir de uma câmera observadora. Câmera, imóvel e criadora: as pessoas e os veículos entravam e saiam do quadro, o quadro excluía e dialogava com o extra quadro. Posicionar a câmera tornava-se uma das mais importantes questões da produção cinematográfica. (RODRIGUES, 2005). Os Lumière contrataram uma série de

cinégrafistas para capturar as “vistas animadas”. Dentre os cinégrafistas contratados, George Promio foi uma verdadeira revelação ao exacerbar a experiência cinematográfica de seus espectadores posicionando a câmera em uma gôndola e levando a plateia a um passeio pelos canais de Veneza (MARTIN, 2003). Para Bouquet (2002) os cineastas do fluxo realizam um cinema que vale mais por suas modulações do que por seus significados ao intensificar as zonas do real e atualizar certas potenciais. Filmes construídos a partir da lógica da sensação e marcados pela intensidade do registro, como o não construído e pela liberdade de uma câmera imersa no real. A atmosfera desses filmes desarmam o espectador, convidando-os a uma nova relação do olhar que convida às sensações, uma espécie de “realismo sensório” (VIERIRA JR 2014), muito mais do que decifrar significações. O cinema, apesar de toda a tentativa de padronização dos olhares, das narrativas e dos modos de fazer padronizados por linhas de produção, conseguiu falar a um público extremamente vasto e, ao mesmo tempo, de forma tão subjetiva e única para cada espectador. O cinema amazonense encontra-se em sua terceira fase de produção, possibilitada principalmente por políticas públicas de incentivo (tanto na esfera federal, quanto regional) e pela realização de festivais locais (BALTAZAR, 2021, p.52). Ainda segundo Baltazar (2021), tal movimento ocorre a partir da década de 1990, com a criação da Lei do audiovisual (Lei nº8.685), consolidando-se com a criação da Agência Nacional de Cinema (Ancine), o Fundo de Financiamento da Indústria Cinematográfica Nacional (Funcine) e a Contribuição para o Desenvolvimento da Indústria Cinematográfica Nacional (Condecine), resultando em políticas de regionalização do audiovisual brasileiro. A partir de acordos entre Governo Federal e Municipal, editais para projetos audiovisuais passaram a ocorrer de forma sistemática. Filmes como o “Barco e o Rio” de Bernardo Ale Abinader, premiado no Festival de Gramado; “Graves e Agudos em Construção” de Walter Fernandes Jr, com passagens em inúmeros festivais nacionais e internacionais; “Maria” de Elen Linth, também bastante premiado, tendo sido contemplado pelo edital PRODAV 08 – TVs Públicas Região Norte, representam bem uma produção amazonense contemporânea, em constante experimentação narrativa e estética. Para além, é importante destacar também a facilitação a equipamentos para filmagens, oriundo da transição do analógico para o digital. “Enterrado no quintal” de Diego Bauer e “Manaus Hot City” de Rafael Ramos, são exemplos de produções bem sucedidas, com alto domínio técnico e feitas

sem apoio financeiro a partir de editais. Essas produções exploram o imaginário da capital amazonense para além de seus pontos turísticos, ou ao menos com novos olhares para estes. Aprofundam-se em bairros periféricos, personagens postos à margem, construções culturais distantes das destacadas à primeira vista pelo olhar estrangeiro ou oficial. Os festivais e mostras, como já mencionado, também desempenharam papel de destaque na retomada do cinema amazonense. Entre estes, o principal foi o Amazonas Film Festival, realizado de 2004 até 2013. Ao todo, 96 produções amazonenses foram realizadas a partir do Amazonas Film Festival, sendo 95 curtas-metragens e um longa. As últimas duas edições tiveram categorias destinadas exclusivamente para filmes do estado, contemplando curtas-metragens de ficção e documentário (BALTAZAR, 2021).

**PALAVRAS-CHAVE:** cinema; cinema contemporâneo; Manaus; cidade; representação.

## REFERÊNCIAS

AUMONT, Jacques. A imagem. trad. de estela dos santos Abreu e cláudio cesar santoro. 2. ed. Campinas: Papirus, 1995.

AUMONT, Jacques. MARIE, Michel. **A Análise do Filme**. Editora: Textos & Grafia. Lisboa, 2004.

Baltazar, Pâmela Eurídice. **Olhar feminino: o norte na direção**. 1ª edição. Manaus: Grupo Estante, 2021.

BORDWELL, David. **Figuras traçadas na Luz: A encenação no Cinema**; tradução: Maria Luiza Machado Jabotá – Campinas, SP: Papirus, 2008.

HOLLIS, R. **Design gráfico: uma história concisa**. Tradução Carlos Daudt. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KARHL, Aline. **Análise de cartazes cinematográficos na perspectiva da educação**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Passo Fundo, 2016.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. trad. de paulo neves. são paulo: Brasiliense, 2003.



QUINTANA, G. **Cartaz, cinema e imaginário**. Dissertação (Mestrado em Múltiplos) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

RODRIGUES, Chris. **O cinema e a produção**. Rio de Janeiro: DP&A; Faperj, 2005.

MORIN, Edgar. **O Método 1 – a natureza da natureza**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

\_\_\_\_\_. **O Método 2 – a vida da vida**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2000. PENAFRIA, M. Análise de Filmes – conceitos e metodologia(s). In: VI Congresso SOPCOM, Abril de 2009. Disponível em: < <http://www.bocc.uff.br/pag/bocc-penafria-analise.pdf>> Acessado em: 1 de nov., 2016.

PEREIRA, Ives. SCOTTO, Gabriela. **Lugar, memória e resistência na representação da cidade: a produção de sentidos no filme Aquarius**. In: XVII Enanpur. São Paulo, 2017.

SOUZA, A. P. **Cidades reais e imaginárias no cinema**. *Arquitextos*, São Paulo, ano 05, n. 058.07, Vitruvius, mar. 2005 Disponível em: < <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.058/491>> Acesso em: 29 de outubro de 2016.